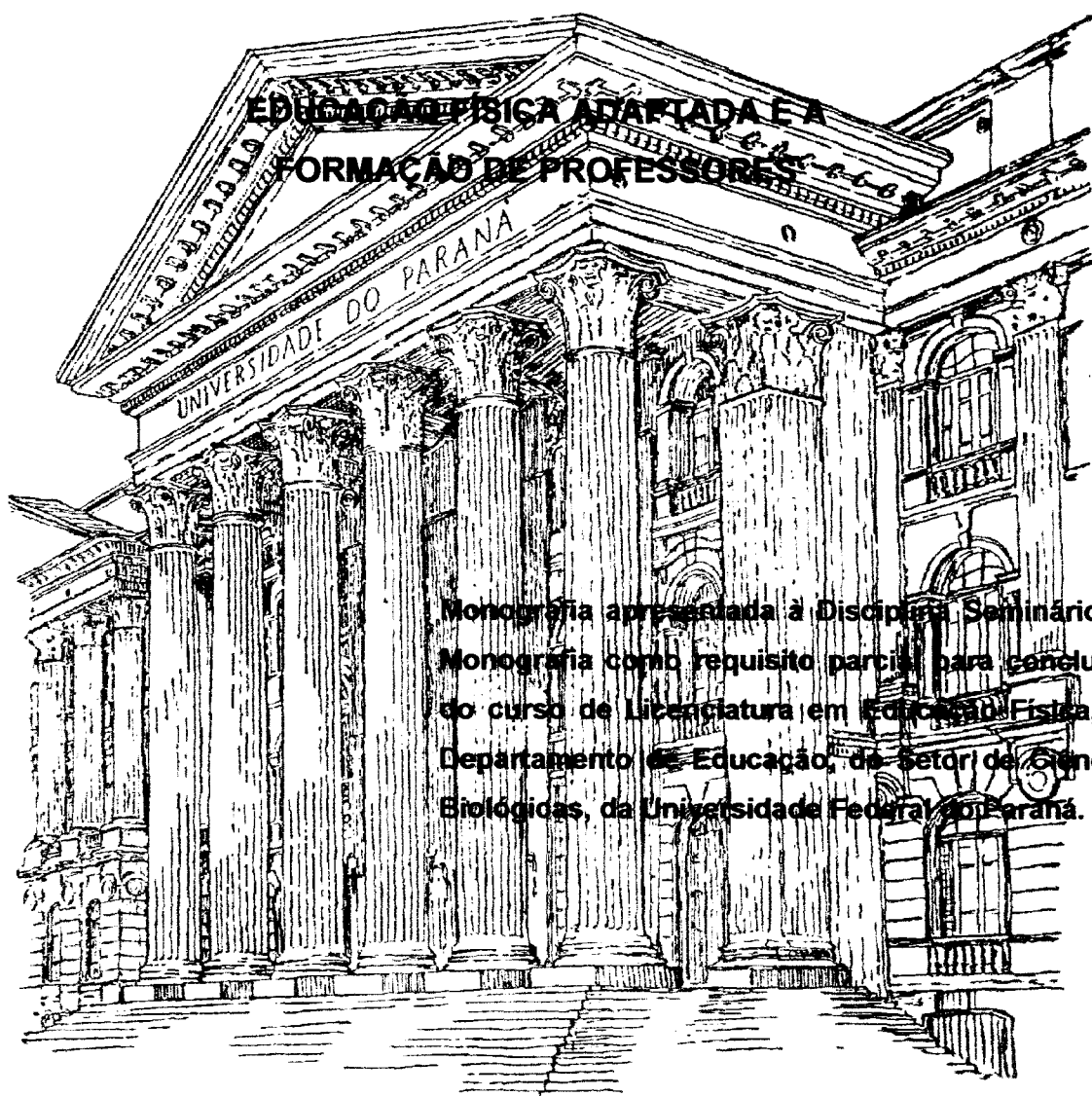


GIZELE DA SILVA NASCIMENTO

**EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA E A
FORMAÇÃO DE PROFESSORES**



Monografia apresentada à Disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação, do Setor de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná.

CURITIBA

2002

GIZELE DA SILVA NASCIMENTO

EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA E A
FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Monografia apresentada à disciplina Seminário de Monografia como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em Educação Física, do Departamento de Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas , da Universidade Federal do Paraná.

DEDICATÓRIA

Em memória de meu pai, que sempre me ensinou a importância do saber, dando-me todo apoio preciso para construir meu conhecimento.

À minha mãe e à minha irmã, que souberam compreender e suprir minhas necessidades.

Ao meu noivo e grande amigo, que durante todos os momentos esteve a meu lado e, que momentos em que fraquejei, desanimei e fiquei insegura, fez com que eu erguesse a cabeça e seguisse em frente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente à Deus, pela paz e sabedoria concedida e, principalmente, por eu ser uma pessoa saudável, podendo assim, correr atrás de meus sonhos.

Agradeço a todos aqueles que me incentivaram e me ajudaram na construção do conhecimento, ensinando- me muito mais do que ensinar, ensinando- me a viver. Agradeço, assim, aos verdadeiros mestres que tive, pois professores tive muitos, mestres nem tantos.

Sou grata aos meus amigos, pois sem eles a minha passagem pela Universidade não seria tão boa e divertida o quanto foi.

Enfim, sou grata a todos aqueles que torceram por mim, desejando sinceramente, que eu me tornasse uma pessoa melhor, seja profissionalmente ou espiritualmente.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	I
AGRADECIMENTOS.....	III
SUMÁRIO.....	IV
1. INTRODUÇÃO.....	01
1.2 OBJETIVOS.....	03
1.2.1 OBJETIVO GERAL.....	03
1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	03
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	04
2.1 RESGATE HISTÓRICO.....	04
2.2 A DEFICIÊNCIA NO MUNDO.....	05
2.3 A DEFICIÊNCIA NO BRASIL.....	06
2.4 CLASSIFICAÇÃO E DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA.....	07
2.5 EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA.....	10
2.6 DESPORTO E DEFICIÊNCIA.....	12
2.7 FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CAPACITAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA.....	13
2.8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES AOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA.....	23
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	26
4. CONCLUSÕES.....	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	29
ANEXO1 Grade Curricular – Universidade Tuiuti do Paraná.....	33
ANEXO2 Grade Curricular – Centro Universitário Positivo.....	39
ANEXO3 Grade Curricular – Universidade Dom Bosco.....	42
ANEXO4 Grade Curricular – Universidade Federal do Paraná.....	49

1. INTRODUÇÃO

Escrever sobre pessoas deficientes é muito mais difícil e complexo do que poderia parecer. Um dos problemas sérios reside no fato de que qualquer “noção” ou “definição” de deficiência implica em uma imagem que nós fazemos das pessoas deficientes (RIBAS, 1985, p.7).

Durante muito tempo a Pessoa Portadora de Deficiência (PPD) foi tratada com tolerância, compaixão, menosprezo, aceitação ou, total eliminação, pelas diversas sociedades devido a todo um contexto histórico que vem desde os tempos mais remotos. As pessoas tinham desde medo, por acharem que a PPD era uma pessoa amaldiçoada ou possuída pelo demônio, até a aceitação, pelo fato de que se não a aceitassem, aquele castigo poderia cair sobre toda aquela sociedade. Nas tribos quando a mãe paria uma criança portadora de deficiência, esta criança era sacrificada, pois o que interessava era o grupo (geralmente nômade) e esta poderia vir a prejudicá-lo. Também durante muito tempo e, poderia dizer que muitas vezes até hoje, a imagem que se tem do homem perfeito é aquela em que o homem é forte, guerreiro, com formas perfeitas e, o deficiente vem em oposição a tudo isso, então são excluídos pela sociedade, principalmente na sociedade capitalista onde o deficiente é visto como improdutivo, quando na verdade ele é colocado num estado de inércia por ela mesma.

Muitas vezes pensamos que inserir significa apenas colocar dentro da escola, no entanto muitas vezes por ingenuidade ou falta de preparo dos professores esse indivíduo acaba sendo marginalizado dentro da instituição que deveria cuidar de sua formação humana e lhe dar subsídios para a vida adulta. Talvez, também por falta de preparação dos professores, os mesmos não conseguem aproximar o excepcional de seus colegas, tanto

fisicamente como socialmente. Então há que se refletir de onde vem essa falta de preparação. Uma das causas pode ser a falta de um currículo eficiente e que dê subsídios aos seus alunos, como também por falta de interesse dos profissionais que estão atuando nesta área, mas que no entanto não buscam se especializar e nem procuram cursos que lhes dêem um maior conhecimento.

Mas essa é uma situação que devemos mudar, pois, como FONSECA (1995) menciona, a educação especial não pode continuar a ser refúgio dos professores menos qualificados, a única alternativa profissional por estar mais perto de casa ou uma opção profissional por razões de caridade e de compaixão.

Agora, depois de muito tempo, a sociedade tenta incluir os deficientes, que ela mesma excluiu um dia, por isso algumas leis e decretos que mencionam as PPDs garantem seu ingresso em escolas especializadas bem como nas instituições normais de ensino, mas poucos são os estudos nesta área, no nosso caso, na área da Educação Física Adaptada e, por isso acredita-se ser de grande importância um estudo que trate de um assunto dirigido a ela.

Enfim, a E.F tem uma nova área de atuação que deve ser profundamente estudada a fim de diagnosticar problemas e apontar soluções. No seguinte trabalho pretende-se discutir as seguintes questões: quais as principais dificuldades encontradas pelos acadêmicos, em sua formação, para atuar com a PPD; o que se espera do futuro profissional que atuará na área de Educação Física Adaptada e de quem é o principal papel na formação desses docentes.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a formação do profissional de Educação Física no que se refere a sua capacitação para atuar juntamente com as pessoas portadoras de deficiências, nas aulas de Educação Física Adaptada.

1.2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Verificar se as instituições de nível superior em E.F estão capacitando seus alunos para trabalhem com PPDs?
- Discutir sobre como deveria ser a capacitação dos professores que estão se formando e pretendem trabalhar com PPDs em suas aulas.
- Discutir como está sendo a formação dos futuros profissionais da área de Educação Física adaptada.

2. REVISÃO DE LITERATURA

2.1 RESGATE HISTÓRICO

Nos primórdios de história foram registrados dois tipos básicos de comportamento com PPD, os idosos e os doentes: uma atitude de tolerância, apoio, assimilação e uma outra de eliminação, destruição e menosprezo (SILVA apud FREITAS 1997, p.14).

Segundo CARMO (1994) a maioria das tribos eram nômades caracterizando-se pela necessidade de sobrevivência e consideravam os deficientes bons ou maus espíritos, sendo que eles além de não serem aceitos, ainda colocavam todo o grupo em risco, porque eles não conseguiam seguir o ritmo do mesmo e acabavam deixando este grupo muito vulnerável, principalmente devido a falta de mobilidade e inteligência dos deficientes. Cabe ressaltar que, aqui inteligência refere-se a qualidade ou capacidade de compreender e adaptar-se facilmente.

Na Grécia e Roma (500 a.C e 400 d.C) tinha-se a preocupação com o corpo forte, principalmente por causa dos soldados que iam para os combates e, as únicas deficiências aceitas eram aquelas causadas pelas guerras.

Entre os séculos V e XV a PPD passou da condição de possuída pelos demônios para a condição de coitados, aqueles que mereciam a caridade e o sentimento de compaixão. Essa concepção foi reforçada no século XVIII quando foram construídas as primeiras instituições para receber estas pessoas.

FREITAS (1997) ressalta que é no século XX que os interesses governamentais começam a aparecer em relação ao assuntos referentes a PPD, especialmente no campo da educação, psicologia e medicina.

A Segunda Grande Guerra Mundial teve um efeito positivo em relação as PPDs, pois ela deixou um grande número de deficientes, principalmente ex-combatentes portadores de deficiência motora, o que causou a necessidade de criar programas de assistências dirigidos à esses indivíduos.

2.2A DEFICIÊNCIA NO MUNDO

As crianças com deficiências físicas, mentais ou sensoriais estão atualmente numa situação considerada crítica, pois pelo menos a décima parte de todas as crianças nascem ou adquirem algum impedimento, seja ele físico, mental ou sensorial que interferirão em sua capacidade para um desenvolvimento normal, a não ser que lhes seja prestada assistência e atenções especiais. Os números podem ser maiores em países do terceiro mundo, alcançando os 15 a 20 por cento de todas as crianças, conforme as definições de deficiência utilizadas. Isto significa dizer que é muito grande o número de deficientes e que quanto mais profissionais especializados para atendê-las tiver, melhor será a qualidade desse atendimento, principalmente se estes profissionais estiverem bem preparados.

A Organização Mundial de Saúde, em 1980, divulgou o conceito de deficiente, que viria ser uma classificação internacional e que englobava três termos:

- *Impedimento*: é uma alteração (dano ou lesão) psicológica, fisiológica ou anatômica em um órgão ou estrutura do corpo humano e, que pode ser transitório ou permanente.
- *Deficiência*: FREITAS (1997) explica que deficiência é qualquer restrição ou prevenção na execução de uma atividade, resultante de um impedimento, na forma ou dentro dos limites considerados como normais para o ser humano.

- *Incapacidade*: é uma desvantagem, encontrada pelo deficiente, em que ele é limitado ou impedido de realizar determinada função, que é considerada normal, levando- se em conta a idade, sexo, fatores sociais e culturais.

FREITAS (1997) ainda, afirma que de acordo com essas definições, entende- se o impedimento como o dano, a deficiência como a restrição e a incapacidade como a desvantagem.

Todavia o leigo não se utiliza dessas definições, pois ele não consegue distingui- las, tornando- se mais fácil rotular de deficiente (quando não de aleijado, retardado, anormal, louco, inválido, cego, surdo, excepcional, etc.) tudo o que ao seus olhos é diferente e desconhecido.

2.3A DEFICIÊNCIA NO BRASIL

Nos períodos colonial e imperial era raro, segundo historiografias, encontrar entre os indígenas algum deficiente e quando apresentavam era consequência de alguma guerra, pois as de consequência genética era eliminada pelos pais no momento do nascimento.

Na época da escravidão encontrava- se alguns negros com deformações ou inválidos devido aos castigos que lhes eram aplicados pelos senhores de engenho.

Só são encontrados registros de assistência às PPDs marcantes a partir de 1854 quando foram criadas as primeiras instituições de assistência por D. Pedro II. Essas instituições eram : O Imperial Instituto dos Meninos Cegos, Instituto dos Surdos – Mudos e o Asilo dos Inválidos da Pátria.

Atualmente não se nota muita mudança, há apenas um reflexo da evolução.

O Brasil, considerado um país de “Terceiro Mundo”, apresenta alto índice de deficiência. Segundo a Rehabilitation International (Entidade Internacional de Reabilitação, com sede em Nova Iorque), os “deficientes do “Terceiro Mundo” são gente para quem as únicas condições de vida são a pobreza, a fome, a ignorância, a miséria e a falta de perspectiva de vida (GARCIA, 1995, p.59).

Apesar das campanhas que o governo tem feito como medidas de prevenção, no Brasil , segundo dados divulgados pela ONU, estima-se que 10% da população é portadora de alguma deficiência, ou seja, aproximadamente 13 milhões de brasileiros e, infelizmente só 3% desse número tem atendimento.

Estima-se que 15% dos trabalhadores de empresas consideradas de alto risco se acidentam e, muitas vezes por não serem registrados não podem contar com o benefício do INSS e conseqüentemente acabam sendo marginalizados ou, se for crianças nascidas com problemas, abandonadas em algumas instituições.

Acredita-se que se houvessem mais campanhas pelo menos 40 % dos casos de deficiência mental, 60% de deficiência visual e a maioria das deficiências físicas e auditivas, por exemplo acidentes de trabalho e outros, poderia ser evitados.

2.4 CLASSIFICAÇÃO E DEFINIÇÃO DE DEFICIÊNCIA

SILVA apud SILVA, 1987, p. 248 classifica:

Como sendo pessoas deficientes todas aquelas abaixo dos padrões estabelecidos pela sociedade como de “normalidade”, por motivos físicos, sensoriais, orgânicos ou mentais, e em consequência dos quais vêm-se impedidas de viver plenamente.

A definição criada pela ONU em assembléia realizada em 9 de Dezembro de 1975 e que consta do art. I da Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, é a seguinte:

O termo pessoas deficientes refere-se a qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais (RIBAS, 1985).

Ainda no Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência, Decreto nº 914, de 06 de setembro de 1998, Capítulo I, art. 3º, das disposições iniciais, é considerada pessoa portadora de deficiência aquela que apresenta, em caráter permanente, perdas ou anormalidades de sua estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, que gerem incapacidade para o desempenho de atividade, dentro do padrão considerado normal para o ser humano.

As deficiências para fins de estudo podem ser classificadas da seguinte maneira: deficiência mental; deficiência auditiva; deficiência visual; deficiência física; distúrbios da saúde; deficiência da fala ou linguagem; problemas de conduta desajustada ou psicótica; distúrbios de aprendizagem

e combinações das categorias anteriormente citadas. Em resumo podem ser de caráter sensorial, mental ou motor.

- **Deficiência Mental:** Caracteriza-se por apresentar o funcionamento intelectual significativamente abaixo da média, o que compromete a adequação às demandas da sociedade nos seguintes aspectos: comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, desempenho na família comunidade, independência na locomoção, saúde e segurança, desempenho escolar, lazer e trabalho. A PPD mental têm como características mais evidentes as dificuldade de adaptação social e o comprometimento motor. FREITAS (1997) ainda cita que de acordo com o nível de deficiência, ainda podem apresentar falta de equilíbrio e locomoção dificultada; dificuldade de coordenação motora fina e complexa; baixa resistência cardio-vascular e baixo condicionamento físico; problemas na linguagem; déficit de atenção e memória e falta de motivação.
- **Deficiência Auditiva:** segundo FREITAS (1997) é a perda parcial ou total da audição, sendo sua classificação feita de acordo com a perda sensorial apresentada, medida em decibéis.
Pela falta de audição, o conhecimento do meio e a relação oral, apresentam-se prejudicadas. Também apresentam dificuldade de formação de conceitos, generalizações e abstrações, bem como baixa auto-estima, atraso na coordenação, equilíbrio, velocidade de reação, tendência a neuroses e atraso na maturidade psicológica.
- **Deficiência Visual:** também possui várias classificações e pode ser definida como sendo a perda ou redução sensorial da capacidade de ver. Apresentam atrasos bem acentuados no seu desenvolvimento motor, principalmente falta de coordenação e

equilíbrio. Também apresentam falta de lateralidade e direção, problemas posturais, dificuldade de relacionar-se com os outros e expressão facial e corporal escassas.

- **Deficiência Física:** “é toda e qualquer alteração no corpo humano, resultado de um problema ortopédico, neurológico ou de má formação, levando o indivíduo a uma limitação ou dificuldade no desenvolvimento de alguma tarefa motora” (COSTA, 1995, p. 8). A PPD física pode apresentar problemas neurológicos e ortopédicos, problemas na linguagem e comunicação e atraso no desenvolvimento motor.

O conceito de ‘eficiência’ tem raízes e assenta seus princípios no tecnicismo que prioriza sempre o fazer bem feito e, com o máximo de rendimento, no menor tempo, dentro de padrões preestabelecidos (CARMO, 1991, p. 91). Por isso os portadores de necessidades especiais são chamados de deficientes, pois não se encaixam nesse conceito de eficiência, principalmente por não conseguirem cumprir os princípios do tecnicismo. Deve-se trabalhar estes conceitos, uma vez que eles acabam sendo muito discriminatórios, colocando o deficiente como um inútil, pois quem não faz bem feito, de nada vale.

2.5 EDUCAÇÃO FÍSICA ADAPTADA

Muitas vezes a lei que permite o ingresso de crianças portadoras de deficiência nas escolas não é cumprida, por despreparo da escola e professores para atender a essa clientela e, os pais, muitas vezes por falta de informação não reivindicam esse direito.

Em nossa área existe a Educação Física Adaptada, que segundo LIMA (1995) foi oficialmente implantada nos cursos de graduação através da Resolução 3/87 do CFE, no parágrafo IV do seu art. VI, que prevê a

atuação do professor de Educação Física com o portador de necessidades especiais e indica a importância de uma adequação curricular.

Mas afinal o que é Educação Física Adaptada?

“É uma área da Educação Física que tem como objetivo de estudo a motricidade humana para as pessoas com necessidades educacionais especiais, adequando metodologias de ensino para o atendimento às características de cada portador de deficiência, respeitando suas diferenças individuais” (DUARTE e WERNER apud FREITAS, 1997 p.28).

Alguns autores consideram E.F Adaptada e E.F Especial como tendo o mesmo significado. Outros ainda, afirmam que os conteúdos da E.F normal para a Adaptada não modificam em nada e, sim o que deve mudar são as metodologias e o planejamento dos professores para atender as necessidades e peculiaridades das PPDs.

DUARTE e WERNER apud FREITAS (1997) citam que os objetivos da E.F Adaptada é oferecer atendimento especializado aos educando portadores de necessidades especiais, respeitando-se as diferenças individuais, visando proporcionar ao desenvolvimento global dessas pessoas, tornando possível não só o reconhecimento de suas potencialidades, como também, sua integração na sociedade.

Quanto ao conteúdos da E.F Adaptada BUENO e RESA apud FREITAS (1997) propõem o seguinte programa:

- Esquema corporal e lateralidade;
- Coordenação;
- Equilíbrio;
- Organização espaço – temporal;
- Qualidades físicas básicas;
- Socialização.

As atividades devem estar dentro do contexto de que se deve respeitar as limitações e potencialidades de cada pessoa, sendo realizada de forma constante, progressiva e regular.

2.6 DESPORTO E DEFICIÊNCIA

Segundo FREITAS (1997) o desporto para PPDs teve seu início em 1918, quando um grupo de lesionados da Primeira Grande Guerra, reúne-se na Alemanha para praticar esporte, porém o esporte só se efetivou realmente, como prática para pessoas deficientes físicas, em 1944 na Inglaterra, mais precisamente em Aylesbury.

Depois de muito estudo, as práticas corporais foram integradas como parte dos processos de reabilitação. ARAÚJO apud Freitas (1997) ainda levanta que a reabilitação buscou na atividade física novos caminhos para possibilitar a interação dessas pessoas com a sociedade, evidenciando as capacidades residuais dos portadores de deficiência física através do esporte.

“O surgimento do esporte, para os portadores de deficiência física, deu-se quase ao mesmo tempo, nos EUA, com Benjamim Lipton e, na Inglaterra, com Ludwig Guttman” (FREITAS, 1997, p. 61). O mesmo autor cita que as primeiras atividades, criadas a partir de 1944, foram o arco e flecha, o tênis de mesa e o arremesso de dardo, sendo os de equipe, o pólo de cadeira de rodas e mais tarde, em 1947, introduzido o basquetebol sobre rodas.

Em 1960 aconteceu o primeiro , de uma série dos Jogos Paraolímpicos, que desde 1964 acontecem na mesma época e no mesmo local que os Jogos Olímpicos. Talvez o termo na mesma época fique meio confuso aqui, uma vez que eles têm início cerca de 15 a 20 dias depois do término da Olimpíadas.

Hoje em dia os tipos de deficiência encontradas entre os atletas paraolímpicos são: amputações, cegueiras, lesões medulares, espinha bífida, nanismo e paralisias cerebrais. As cidades sedes dos Jogos Olímpicos são as responsáveis pela a organização dos Jogos Paraolímpicos. Na hierarquia da organização das Paraolimpíadas o órgão maior é o Comitê Internacional Paraolímpico.

2.7 FORMAÇÃO PROFISSIONAL E CAPACITAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência são levantadas algumas questões importantes quanto a formação do profissional que vai atender a PPD, como por exemplo, o apoio a formação de recursos humanos para atendimento adequado e eficiente da pessoa portadora de deficiência.

Segundo a Constituição Brasileira de 1988, a educação das pessoas portadoras de deficiência, Art. 208, Inciso III, refere-se à integração destes indivíduos na rede regular de ensino. No entanto, o trabalho com os considerados “deficientes” é realizado em escolas especiais.

Esta situação, portanto, torna-se contraditória. Ao mesmo tempo que se defende a educação dos portadores de deficiência na rede regular de ensino, há implantação de escolas especiais para atender estes, considerados “deficientes”, e, assim, o atendimento a estas pessoas continua sendo diferenciado.

Este fato decorre da falta de uma preparação adequada, principalmente dos professores, para receber os “deficientes”. Como consequência,

diminuem as chances de escolarização dessas pessoas, visto que o número de escolas especiais é pequeno e insuficiente para atender a demanda existente (GARCIA, 1995, p.48).

SILVA (1997) levanta um ponto importante que são os obstáculos que os professores muitas vezes encontram, principalmente quando vão a procura de cursos de reciclagem ou de atualização nessa área. Estas dificuldades podem ser: financeiras (tendo em vista o baixo salário do professor), humanos, funcionais e de segurança profissional.

Alguns autores já vêm pesquisando sobre a importância de uma formação eficiente por parte dos profissionais que pretendem trabalhar com a Educação Física Adaptada, bem como da educação especial em geral.

Para começar, veremos a citação de SILVA apud SILVA, que diz que o professor assume um caráter relevante no processo de educação, sendo um especialista da docência onde, a docência por sua vez é o centro do processo educativo que se afirma na escola. O mesmo autor ainda cita que uma pessoa sem instrução torna-se uma pessoa fácil de manipular, sendo que o conhecimento é a ferramenta para tornar o cidadão consciente de que faz parte do processo histórico e que pode interferir caso julgue necessário.

Muitas vezes esses problemas poderiam ser resolvidos se o governo desse mais incentivo e uma ajuda de custo aos profissionais. É importante não abandonar o professor após sua formação, oferecendo-lhe cursos de formação continuada e que garantam que ele esteja sempre formando seu conhecimento é a garantia de que nossas crianças estão tendo um ensino de boa qualidade.

Nos Direitos das Pessoas Portadoras de Deficiência, Lei nº 7853/89, Decreto nº 914/93, já está posto que a responsabilidade da formação e qualificação de recursos humanos que, nas diversas áreas de conhecimento, inclusive de nível superior, atendem à demanda e às

necessidades reais das pessoas portadoras de deficiência, é do poder público

Na área da educação existem ainda muitos professores que não estão habilitados para exercer a função de pedagogos em algumas escolas do Brasil. Estes professores juntamente com aqueles que receberam o mínimo de formação específica trabalham em escolas distantes, onde o professor habilitado não se sujeita a ir. Este fato torna-se um problema, como podemos notar, que afeta ainda mais a situação da educação no país. Outro fator que interfere, como cita o autor, é a falta de cursos de atualização e reciclagem destinados aos professores: o professor que não se atualiza logo fica ultrapassado. O importante é que o professor não seja abandonado após a formação e que sejam oferecidas oportunidades de atualização. Mas entendemos também que o próprio professor deve lutar e reivindicar seus direitos (SCHIMTZ apud SILVA, 1995, p.101).

Neste sentido FONSECA (1995) defende que existem algumas dificuldades as quais devem ser equacionadas. Elas podem ser divididas no âmbito nacional, regional, institucional e pessoal (isto é, dos próprios professores). Abaixo estão listadas algumas dessas necessidades:

- Necessidades Nacionais:
 - responsabilidade do Governo;
 - criação de centros e institutos de formação permanente (base da descentralização);
 - cursos intensivos: de fim-de-semana de verão, etc.;

- apoio à investigação, estudos - piloto, cursos, etc.;
- currículo baseado nas necessidades imediatas dos professores (planificação de lições, métodos de ensino, etc.);
- treino de formadores;
- igual importância financeira entre formação inicial e formação em exercício.
- **Necessidades Regionais**
 - verificação das necessidades e problemas locais;
 - horários pós trabalhos, em períodos curtos, para a formação intensiva;
 - exigência de um período de formação obrigatório de 5 a 6 semanas;
 - cursos curtos, de 3 dias a uma semana;
 - seminários e conferências , centrados nos problemas do dia-a-dia;
 - cinco dias de estudo e formação por ano em regime obrigatório.
- **Necessidades Institucionais:**
 - inovação de currículos;
 - criação de centros de recursos pedagógicos;
 - possibilitar ao professor melhores meios para responder a complexidade dos problemas;
 - permitir que a escola e a comunidade realizem melhor seus objetivos;
 - etc.
- **Necessidades Pessoais:**
 - auto- educação;
 - educação como processo e não como produto;
 - professor agente de mudança e não recipiente;

- criação de centro de professores (consultores, materiais, programas, currículo, visitas, convívio, etc.).

Enquanto não se resolve de quem é a responsabilidade, quem acaba sofrendo com essa condição são os alunos, onde as escolas mais centrais e das capitais são melhores atendidas do que as da periferia e das pequenas cidades, afetando assim o atendimento aos excepcionais, que muitas vezes não tem seu potencial desenvolvido por falta de oportunidades. Cabe, então aos profissionais se organizarem para exigir das partes competentes melhores condições de trabalho. Para LIMA (1995) o educador necessita de fundamentação teórico- prático, pois eles se confrontam com conteúdos e situações que foram adquiridas esparsamente e de afogadilho, causando assim um desconforto e um desgaste ao iniciar o trabalho. Ele ainda ressalta que sem um conhecimento prévio o profissional terá dificuldade de criar e desenvolver as atividades.

Quanto a formação acadêmica SILVA (1995) afirma que dentro da escolas estaduais os professores habilitados têm a preferência das aulas, porém quando esses não as querem, os acadêmicos podem assumi- las.

Então, neste caso é muito importante que eles tenham pelo menos um pouco de experiência para trabalhar com as PPDs e, neste caso é a Universidade quem deveria oportunizar seus acadêmicos a este primeiro contato com essas pessoas, para aprenderem na prática como elas devem ser tratadas dentro de suas limitações. Em seu trabalho TOLOCKA et al. (1998) concluíram que no que diz respeito à formação profissional, os dados sugerem a necessidade de preparação psicológica para o trabalho com a PPD, incluindo o aumento de oportunidades de contato entre estas e os acadêmicos. As dificuldades apontadas pelos alunos sugerem que é necessário incluir também técnicas de comunicação, bem como discutir tipos de estilo/ coordenação de atividades a serem utilizadas com tal clientela.

Os alunos tem medo de dar a cara para bater e acabar errando na prática, o que é muito compreensível, pois depois de formado não significa que o profissional nunca poderá errar, porém quanto menos ele puder errar e o quanto mais puder fazer seu trabalho com consciência e conhecimento, melhor.

Então, como as faculdades poderiam intervir na formação do profissional na área de Educação Física Adaptada?

De nossa experiência, propomos que seja implementado um projeto de extensão à comunidade, na área de atividades físicas e esporte para pessoas portadoras de deficiência física, para que o aluno de graduação tenha um contato prático com esta clientela. Estes programas, viabilizados dentro das faculdades, podem ainda aproveitar as praças públicas, parques municipais e praias, dentre outros locais, para sua implementação, contribuindo, assim, para mostrar à população que a Educação Física é abrangente e viável para qualquer pessoa. É preciso entender, contudo, que tais propostas não devem ser tidas como receituário de “como fazer”. Pois buscamos, com estas prováveis iniciativas, fomentar o processo de reflexão e discussão da prática da Educação Física voltada para pessoas portadoras de deficiência física, necessárias à sua transformação e consequente superação (NETO, 1995, p. 188).

Na formação dos futuros profissionais e na formação continuada, a Universidade assume um papel importante, tendo uma importante arma na mão, que é a pesquisa e consequentemente a experiência. REID (2000)

que diz que é preciso que sejam repensados os programas de preparação profissional nos cursos de graduação se os professores continuarem a expressar frustrações e inadequação no ensino com crianças portadoras de deficiência.

Refletindo sobre a formação dos profissionais e dentre eles incluindo os de atividade física, CASTRO e MARQUES (2000) levantam algumas questões sobre a formação. São elas:

- a formação deve ser realizada a nível superior, com característica generalista e cujo currículo ofereça um aprofundamento e uma forma de opção na área;
- oferta de pós- graduação altamente especializada;
- formação contínua que proporcione modelos de especialização por áreas de intervenção;
- formação que suprima todas as necessidades de todas as formas de intervenção e que tenha uma preocupação com a qualidade de vida de todos os indivíduos portadores de necessidades educativas especiais;
- o profissional deverá ser competente para participar e colaborar em investigações na área (este vemos muito pouco hoje em dia);
- o profissional deverá ser preparado para participar da equipe multidisciplinar, que deverá ter uma linguagem comum e
- este profissional de atividade física adaptada deverá possuir competências, que no campo pedagógico em ambiente inclusivo, quer no campo desportivo em ambientes de competição e recreação.

Uma vez que no decreto nº 2.027/93, o Governo do Paraná determinou que, os professores dos cursos profissionalizantes de 2º grau ou na área de Formação Especial deverão comprovar treinamento especial e/ou treinamento na referida disciplina, devemos refletir se os professores

estão capacitados. KRUG (1999) sugere que experiências pessoais dos futuros professores formam a base para sua observação reflexiva e abstrata. A partir dessa base estarão aptos a monitorar situações similares ou ajustar-se a outras. O mesmo autor ainda para concluir acrescenta que:

Na busca de maior eficácia na formação pretende-se adotar a **orientação pessoal** (no crescimento da maturidade psicológica, auto conhecimento e projeção profissional); a **crítico-social** (ao analisar-se a reflexão das realidades); a **tecnológica** (ao instrumentalizar-se tecnicamente os futuros professores); a **prática** (ao levantar-se as habilidades de cada sujeito) e a **acadêmica** (no desenvolvimento de sua expertise).

A formação e, neste caso a autora do presente trabalho refere-se mais especificamente na área de Educação Física Adaptada, para ser boa deve ser realizada por um conjunto de pessoas interessadas em ensinar, aprender e principalmente a refletir sobre os problemas enfrentados, para poder criar novas propostas que possam vir a melhorá-la.

Os programas de formação de profissionais que seguem a lógica da racionalidade técnica, geralmente tem seus currículos fundamentados num corpo central de ciência comum e básica, seguido dos elementos que compõem as ciências aplicadas (SCHON 1992 apud KRUG 1997). Continuando o mesmo autor coloca ainda que dentro da racionalidade técnica, o desenvolvimento de competências profissionais deve colocar-se após o conhecimento científico básico e aplicado, porque, em primeiro lugar, não se podem aprender competências e capacidades de aplicação enquanto não se tiver aprendido o conhecimento aplicável e, em segundo

lugar, as competências são um tipo de conhecimento ambíguo e de menor valor.

Ao longo dos últimos anos, ou melhor, ao longo das últimas décadas, a formação de professores tem se baseado numa concepção linear e simplista, sendo de uma racionalidade totalmente técnica, só que este modelo é um fracasso, principalmente porque separa a teoria e prática, sendo esta última aplicada somente no final do currículo, não dando condições dos alunos aprenderem mais com seus erros e acertos.

Para PERES (2000) pensar em formação profissional hoje em dia, a nível de graduação, nas universidades brasileiras, é missão quase impossível em qualquer área, pois várias delas não conseguiram se estruturar nem em termos de transmissão de ensino atualizado; outras, já transferiram para a pós graduação a tarefa da graduação.

O mesmo autor salienta que pensar e repensar a formação profissional em Educação Física não pode repetir os erros de épocas anteriores como, por exemplo, simplesmente mudar o currículo, elenco de disciplinas, distribuição de carga horária, somente por mudar, sem conscientizar os profissionais, preparando-os para um período de transformação, motivando-os para o momento atual da nossa realidade.

Na visão de PERES (2000) o profissional de Educação Física, deve ter uma profunda visão social da escola, de sua história, problemas e perspectivas na sociedade brasileira. Dentre essa visão, deve estar o conhecimento do aumento do número de PPD nas escolas comuns, bem como a legislação que lhes garante direitos de frequentar um ensino, seja na escola normal ou em instituições especializadas.

A Educação Física está em transformação no mundo inteiro, cabendo a nós, pararmos para pensar o que queremos realmente do nosso curso e tentarmos provocar tal mudança, para que este também não seja um modelo falido, assim como os anteriores.

Para FONSECA (1995) os professores de trabalhos manuais, dentre eles o de Educação Física deveriam ter uma qualificação pedagógica adicional (QPA), a ser conferida pelo IAACF (Instituto Antônio Aurélio da Costa Ferreira) ou similares, abrindo-se este a mais técnicos e a agentes que intervêm na Educação Especial com cursos e módulos curriculares diferentes do curso principal de formação de professores da Educação Especial.

Ainda na opinião de FONSECA (1995) o currículo de formação poderia necessariamente enquadrar todos os problemas inerentes à Educação Especial antes de equacionar qualquer especialização. Deve-se garantir uma formação clínico-pedagógica e/ou científico-pedagógica contendo as seguintes áreas: teoria do comportamento, teorias da aprendizagem, neurobiologia da aprendizagem, processamento da informação, diagnóstico, psicologia do desenvolvimento, epistemologia genética (Piaget), teoria da personalidade, problemas sociais da juventude, etiologia, defectologia humana, entre outras. A formação acadêmica deve ser unilateral e multidisciplinar sem desvincular-se da formação específica, a Educação Física. Os conhecimentos devem interagir, aumentando a vivência e a experiência, visando a interação teoria-prática no processo ensino – aprendizagem.

WINNICK (1986), CRAFT (1994), DE PAUW & KARP (1994) e Kowalski (1995) apud CRUZ (2001) mencionam a importância de que os assuntos necessidades especiais – deficiência, seja incluído na formação profissional, em nível de graduação, do professor de Educação Física. Isso pode ser realizado envolvendo o tema com outras disciplinas e não somente criando novas disciplinas específicas. Abordando esse tema nas disciplinas e fazendo a relação entre elas possibilitará ao aluno um conhecimento inicial para enfrentar as necessidades exigidas na área de Educação Física Adaptada.

De acordo com CRUZ (2001), dentre as competências para atuar junto aos alunos portadores de deficiência estão os seguintes conhecimentos:

- os relativos especificamente ao assunto deficiência
- os sobre aprendizagem motora
- os de desenvolvimento motor
- os de metodologia do ensino a Educação Física

2.8 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES AOS PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Segundo FONSECA (1995) os professores deveriam possuir as seguintes características de personalidade:

- auto- respeito
- espontaneidade
- sensibilidade
- tolerância frustracional elevada
- inteligência
- estabilidade emocional
- energia
- responsabilidade
- atitude positiva perante crianças deficientes
- abertura

FONSECA (1995) ainda menciona que o professor do ensino especial deveria demonstrar capacidades:

- para avaliar as necessidades educacionais específicas das crianças
- para planificar curricularmente as sequências de aprendizagem

- para utilizar métodos pedagógicos reeducativos, reabilitativos ou compensatórios, bem como técnicas e materiais didáticos apropriados ao estilo de aprendizagem da criança
- para usar informação contida nas avaliações de outros profissionais (médicos, psicólogos, terapeutas, assistentes sociais, consultores, especialistas, etc.)
- para desenvolver prescrições educacionais em termos de comportamento que satisfaçam as necessidades intra- individuais identificadas
- para selecionar técnicas e materiais que implementem um programa educacional individualizado
- para criar recursos pedagógicos, geri- los e administrá- los adequadamente
- para realizar avaliações contínuas (pré- programas)
- para efetuar relatórios evolutivos e cumulativos
- para recomendar mudanças apropriadas no fim ou durante o programa, através de reavaliações periódicas
- para abordar e integrar os pais e outros colegas no processo educacional das crianças

Cabe, entre outras coisas, ao profissional de E.F preparar seu aluno portador de deficiência para a sociedade, ensinando- lhe a enfrentar os preconceitos que irá encontrar e lutar por seus direitos. Devemos dar condições para que eles tomem- se pessoas mais críticas e conscientes. Todavia devemos nos ater para não aplicarmos atividades que causem frustrações a essas crianças, pois essas frustrações podem vir a causar efeitos negativos em sua formação.

Devemos, também nos ater ao fato de que nenhuma deficiência é igual a outra, assim como nenhuma criança é igual a outra. Então se cada

ser humano é único, cabe a nós criarmos estratégias para oportunizar que eles se superem como indivíduos.

As PPDs conseguiram um direito que elas já deveriam ter pelo *direito de igualdade*, cabe então a nós, refletirmos se estamos realmente capacitados para atendê-los, uma vez que a E.F é a disciplina que trabalha com o *corpo e o movimento*. E se é pelo movimento que as pessoas têm a oportunidade de descobrirem seus limites e capacidades, sua criatividade, de interagir com o outro, de solucionar problemas, participar do lúdico e socializar-se, entre outras coisas, temos uma grande arma para inserir as PPDs na sociedade em sua totalidade, preparando não só ela para a sociedade, mas também a sociedade para ela.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi elaborado contendo duas partes de execução bem distintas, sendo que a primeira foi a pesquisa bibliográfica, onde foram realizadas buscas, afim de encontrar trabalhos já produzidos nesta área e, à segunda parte, coube a pesquisa e análise dos currículos.

Os currículos analisados foram das instituições de ensino superior que oferecem o curso de Educação Física, seja em forma de Licenciatura ou de Bacharelado. A análise foi realizada na busca das disciplinas que estão sendo oferecidas na área de Educação Física Adaptada.

As Universidades cujos currículos foram verificados são: Universidades Tuiuti e Federal do Paraná, com turmas já formadas e/ou em formação e as Universidades Dom Bosco e Positivo, cujas turmas ainda não se formaram e nem se formam este ano.

4. CONCLUSÕES

O problema da formação de professores para atuar na área de Educação Física Adaptada é muito mais complexo do que podemos imaginar, uma vez que foi detectado que o problema maior está no currículo, que está enfrentando uma crise, por se encontrar ultrapassado e ineficiente na formação de professores para atuar na nova perspectiva de ensino. Há que se formar profissionais para enfrentar o novo contexto, a nova realidade.

Atualmente vem aumentando o número de PPD nas escolas de ensino regular, bem como nas escolas especializadas, cujo número também aumentou. Então, é preciso preparar os futuros professores para essa nova realidade, ofertando disciplinas para que eles saiam da Universidade com um conhecimento adequado para atender essas pessoas com qualidade e segurança.

Analisando os currículos analisou-se que a maioria das Universidades não dão muita ênfase às disciplinas na áreas de Educação Física Adaptada. A Universidade Tuiuti é a que apresenta ter maior interesse em promover o conhecimento de seu alunos nesta especificidade, pois além das disciplinas ofertadas ainda possui disciplinas para a realização de o estágios nesta área.

As demais Universidades oferecem, geralmente, uma disciplina nesta área ou, as oferecem em caráter optativo, o que pode ser considerado pouco, para formar um conhecimento realmente sólido.

Concluiu-se então, que muita coisa tem que ser feita para melhorar a formação dos profissionais que pretendem atuar na área de Educação Física Adaptada, sendo realizadas mudanças não só nos currículos, mas principalmente neles. E não basta apenas colocar disciplinas na grade horária, como por exemplo as optativa, é preciso fazer com que elas sejam

aplicadas e com muita qualidade, por professores realmente capacitados. E sobretudo, é preciso contar com o apoio e o investimentos dos nossos governantes.

Novos trabalhos deverão ser desenvolvidos, a fim de divulgar aos profissionais, instituições, governantes e aos interessados em geral, a importância de se desenvolver novos projetos para a formação qualificada de profissionais para trabalhar com PPD. Mas não apenas após sua formação e, sim principalmente, durante a graduação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARZOLLA, M.D.P. Educação do deficiente auditivo: uma reflexão sobre os seus métodos. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento**. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

CARMO, A. A. **Deficiência física: a sociedade cria, “recupera” e discrimina**. 2. ed. Brasília : Secretaria dos Desportos/PR, 1991.

CASTRO, J. A. M. ; MARQUES, U. S. M. Análise da formação do profissional em atividade física adaptada no contexto europeu. **Revista da Sobama**, v. 5, n. 1, p. 31-37, dezembro 2000.

COSTA, A. Aprendendo sobre deficiência física. In: **Curso de atividade física e desportiva para pessoas portadoras de deficiência: educação à distância**. Rio de Janeiro : ABT: UGF, v. 4, 1995.

CRUZ, G. C. Formação profissional em educação física à luz da inclusão. **Revista da Sobama**, Curitiba, p. 108-109, anais 2001.

FERNANDES, A.C. A (des) integrada concepção de integração. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento**. Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

FILHO, J.F.M. Proposta para a montagem de um programa permanente de educação física: atividades esportivas para hemofílicos. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

FONSECA, V. **Educação especial: programa de estimulação precoce.** 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREITAS, P.S. **Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência : uma abordagem para professores de 1º e 2º graus.** Uberlândia : Breda, 1997.

GARCIA, C.A. O deficiente integrado a rede regular de ensino de 1º grau. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

KRUG, D. F. A formação de profissionais em educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.21, n. 1, p. 606-612, setembro de 1999.

KRUG, H. N. Formação de professores: modelo técnico versus modelo reflexivo. **Kinesis**, Santa Maria, n. 18, p. 117-129, 1997.

LIMA, S.M.T. Educação física adaptada nas instituições de atendimento à pessoa portadora de deficiência em Maringá. In:

CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

MIRANDA, J.O. Relação aluno surdo – educação física: um enfoque bilingüe. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

MIRANDA, W.O. Minha vida: história de um surdo- professor de educação física. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

NETO, J.F.A. A participação de deficiente físico na educação física escolar. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

PERES, L. S. Educação física: uma abordagem curricular na formação de profissionais. **Caderno de Educação Física.** M. C. Rondon, v. 1, n. 2, p. 41-50, junho 2000.

RABELO, V.M. A comunicação na integração social do deficiente auditivo na classe regular de ensino. In: CARMO, A.A.; SILVA,

R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

REID, G. preparação profissional em atividade física adaptada: perspectivas norte americanas. **Revista da Sobama**, v. 5, n. 1, p. 1-4, dezembro de 2000.

RIBAS, J.B.C. **O que são pessoas deficientes?** São Paulo : Brasiliense, 1985.

SILVA, H.S. O deficiente visual e a capacitação do professor de educação física. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

SILVA, P.P. Descrição metodológica do uso de aparelhos de musculação para pessoas portadoras de deficiência física: poliomielite e acidente vascular cerebral – a.v.c. In: CARMO, A.A.; SILVA, R.V. (Org.) **Educação física e a pessoa portadora de deficiência: contribuição à produção de conhecimento.** Uberlândia : Universidade Federal de Uberlândia, 1995.

TOLOCHA, R. E. et al. Relacionamento entre acadêmicos de educação física e pessoas portadoras de deficiência. **Revista da Sobama**, v.3, n. 3, p. 1-4, dezembro de 1998.

ANEXO 1
Grade Curricular – Universidade Tuiuti Paraná

Verão

Série	Disciplina	Carga Horária	Habilitação
1	ANATOMIA	80	-
1	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES I	80	-
1	ATLETISMO	120	-
1	BIOLOGIA	80	-
1	BIOQUIMICA	80	-
1	FUTEBOL	80	-
1	GINASTICA	80	-
1	HISTORIA DA EDUCACAO FISICA E DO DESPORTO	40	-
1	INTEGRACAO,SOM, RITMO E MOVIMENTO	80	-
1	PEDAGOGIA DO MOVIMENTO I	80	-
1	PSICOLOGIA DA EDUCACAO	80	-
2	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES II	80	-
2	ATIVIDADES DE ACADEMIA	80	-
2	BASQUETEBOL	80	-
2	CINESIOLOGIA	80	-
2	DIDATICA	80	-
2	FISIOLOGIA HUMANA	80	-
2	FUNDAMENTOS FILOSOFICOS E ANTROPOLOGICOS NA EDUCACAO FISICA	80	-
2	HIGIENE E SOCORROS DE URGENCIA NA EDUCACAO FISICA	80	-
2	PEDAGOGIA DO MOVIMENTO II	80	-
2	PRATICA DE ENSINO COM ESTAGIO SUPERVISIONADO I	80	-
2	RECREACAO E LAZER	80	-
3	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES III	80	-
3	CINEANTROPOMETRIA	80	-
3	EDUCACAO FISICA PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAS	80	-
3	ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO	40	-
3	FISIOLOGIA DO ESFORCO	80	-
3	METODOLOGIA DO ENSINO DA EDUCACAO FISICA	80	-
3	METODOS E TECNICAS DE PESQUISA	80	-
3	NATACAO	80	-
3	NUTRICAO	40	-
3	PRATICA DE ENSINO COM ESTAGIO SUPERVISIONADO II	80	-
3	TREINAMENTO DESPORTIVO	80	-
3	VOLEIBOL	80	-

4	ADMINISTRACAO ORGANIZACAO E MARKETING NA EDUCACAO FISICA	80	-
4	ASPECTOS SOCIO CULTURAIS DO LAZER E RECREACAO	80	1
4	ATIV. MOTORA ADAPTADA PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS FISICAS	80	3
4	ATIV. MOTORA ADAPTADA PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS MENTAIS	80	3
4	ATIV. MOTORA ADAPTADA PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS SENSORIAIS	80	3
4	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES IV	80	-
4	BIOMECANICA APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	COMPOSICAO CORPORAL APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	ESPACOS E EQUIPAMENTOS PARA LAZER E RECREACAO	40	1
4	ESTAGIO SUPERV. EM DESENV. FISICO PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS	80	3
4	ESTAGIO SUPERVISIONADO EM LAZER E RECREACAO	80	1
4	ESTAGIO SUPERVISIONADO EM TREINAMENTO DESPORTIVO	80	2
4	FISIOLOGIA DO ESFORCO NO TREINAMENTO DESPORTIVO	80	2
4	FUNDAMENTOS DA ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA	80	3
4	GESTAO DO LAZER E RECREACAO	40	1
4	HANDEBOL	80	-
4	JUDO	80	-
4	LAZER E RECREACAO PARA DIFERENTES PUBLICOS	80	1
4	NUTRICAO APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	POLITICAS DE LAZER E RECREACAO	80	1
4	PRATICA DE ENSINO COM ESTAGIO SUPERVISIONADO III	80	-
4	PSICOLOGIA APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	SISTEMAS E METODOS DE TREINAMENTO DESPORTIVO	80	2
4	TRABALHO ORIENTADO DE CONCLUSAO DE CURSO	80	-

Habilitação	Título
1	LAZER E RECREACAO
2	TREINAMENTO DESPORTIVO
3	DESENV. FISICO DO PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS
3	DESENVOLVIMENTO FISICO DO PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Inverno			
Série	Disciplina	Carga Horária	Habilitação
1	ANATOMIA	80	-
1	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES I	80	-
1	ATLETISMO	120	-
1	BIOLOGIA	80	-
1	BIOQUIMICA	80	-
1	FUTEBOL	80	-
1	GINASTICA	80	-
1	HISTORIA DA EDUCACAO FISICA E DO DESPORTO	40	-
1	INTEGRACAO SOM, RITMO E MOVIMENTO	80	-
1	PEDAGOGIA DO MOVIMENTO I	80	-
1	PSICOLOGIA DA EDUCA	80	-
1	O	80	-
2	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES II	80	-
2	ATIVIDADES DE ACADEMIA	80	-
2	BASQUETEBOL	80	-
2	CINESIOLOGIA	80	-
2	DIDATICA	80	-
2	FISIOLOGIA HUMANA	80	-
2	FUNDAMENTOS FILOSOFICOS E ANTROPOLOGICOS NA EDUCACAO FISICA	80	-
2	HIGIENE E SOCORROS DE URGENCIA NA EDUCACAO FISICA	80	-
2	PEDAGOGIA DO MOVIMENTO II	80	-
2	PRATICA DE ENSINO COM ESTAGIO SUPERVISIONADO I	80	-

2	RECREACAO E LAZER	80	-
3	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES III	80	-
3	CINEANTROPOMETRIA	80	-
3	EDUCACAO FISICA PARA PORTADORES DE NECESSIDADES ESPECIAIS	80	-
3	ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO ENSINO	40	-
3	FISIOLOGIA DO ESFORCO	80	-
3	METODOLOGIA DO ENSINO DA EDUCACAO FISICA	80	-
3	METODOS E TECNICAS DE PESQUISA	80	-
3	NATACAO	80	-
3	NUTRICAO	40	-
3	PRATICA DE ENSINO COM ESTAGIO SUPERVISIONADO II	80	-
3	TREINAMENTO DESPORTIVO	80	-
3	VOLEIBOL	80	-
4	ADMINISTRACAO ORGANIZACAO E MARKETING NA EDUCACAO FISICA	80	-
4	ASPECTOS SOCIO CULTURAIS DO LAZER E RECREACAO	80	1
4	ATIV. MOTORA ADAPTADA PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS FISICAS	80	3
4	ATIV. MOTORA ADAPTADA PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS MENTAIS	80	3
4	ATIV. MOTORA ADAPTADA PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS SENSORIAIS	80	3
4	ATIVIDADES ACADEMICAS COMPLEMENTARES IV	80	-
4	BIOMECANICA APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	COMPOSICAO CORPORAL APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	ESPACOS E EQUIPAMENTOS PARA LAZER E RECREACAO	40	1
4	ESTAGIO SUPERV. EM DESENV. FISICO PARA PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS	80	3
4	ESTAGIO SUPERVISIONADO EM LAZER E RECREACAO	80	1
4	ESTAGIO SUPERVISIONADO EM TREINAMENTO DESPORTIVO	80	2
4	FISIOLOGIA DO ESFORCO NO TREINAMENTO DESPORTIVO	80	2
4	FUNDAMENTOS DA ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA	80	3
4	GESTAO DO LAZER E RECREACAO	40	1

4	HANDEBOL	80	-
4	JUDO	80	-
4	LAZER E RECREACAO PARA DIFERENTES PUBLICOS	80	1
4	NUTRICAO APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	POLITICAS DE LAZER E RECREACAO	80	1
4	PRATICA DE ENSINO COM ESTAGIO SUPERVISIONADO III	80	-
4	PSICOLOGIA APLICADA NO TREINAMENTO DESPORTIVO	40	2
4	SISTEMAS E METODOS DE TREINAMENTO DESPORTIVO	80	2
4	TRABALHO ORIENTADO DE CONCLUSAO DE CURSO	80	-

Habilitação	Título
1	LAZER E RECREACAO
2	TREINAMENTO DESPORTIVO
3	DESENV. FISICO DO PORT. DE NECESSIDADES ESPECIAIS
3	DESENVOLVIMENTO FISICO DO PORTADOR DE NECESSIDADES ESPECIAIS

ANEXO 2
Grade Curricular – Centro Universitário Positivo

1ª Série
Biologia I (Biologia e Anatomia) Psicopedagogia I (Psicologia da Educação) Pedagogia I (Organização e Gestão Escolar e Didática) Metodologia do Ensino I - Esp. Coletivos (Voleibol, Basq. e Hand.) Metodologia do Ensino IV – Natação Orientação Acadêmica e Ética Profissional Filosofia e Educação Física
2ª Série
Fisiologia Humana e Atividade Física (Bioq, Fisiol. Hum. e do Esforço) Psicopedagogia II (Desenv. e Aprend. Motora) Metodologia do Ensino II - Esp. Coletivos (Fut. Campo e Futsal) Rítmica I Aptidão Física e Saúde I - Do meio Escolar às Esc. de Natação Lazer Recreação História da Educação Física e do Esporte
3ª Série
Biologia II (Cinesiologia) Pedagogia II (Metod. e Prática do Ensino) Pesquisa e E.Física I Metodologia do Ensino V – Lutas Metodologia do Ensino VI - Ginástica Socioantropologia Aptidão Física e Saúde II - Do meio Escolar às Academias 000Rítmica II
4ª Série
Biologia III (Primeiros Socorros e Saúde Coletiva) Projetos Integrados Administração e Organização Esportiva Metodologia do Ensino VII - Ginástica Olímpica e GRD Metodologia do Ensino III - Esp. Individual (Atletismo) Pesquisa e Ed.Física II Educação Física Adaptada Esporte - Do Meio Escolar ao Esporte Rendimento

CARGA HORÁRIA TOTAL DO CURSO: 2960 horas

ESTÁGIOS
Os estágios serão cumpridos nas áreas de: - Licenciatura (Escolas Públicas e Privadas) correspondendo a 300 horas; e – Aptidão Física e Saúde (Escolas de Natação e Academias) e Treinamento Esportivo (Escolas e Clubes) correspondendo a 320 horas

Estas 620 horas estão incluídas na carga horária total do curso, integradas às diversas disciplinas da grade curricular.

ANEXO 3
Grade Curricular – Universidade Dom Bosco

Aprofundamento em Educação Básica - Licenciatura

1º Semestre		
DISCIPLINA	CR	HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Anatomia Humana	04 72	BIO 01
Bioquímica	04 72	BIO 02
Atividades Desp. Coletivas I	04 72	CM 01 Optativa
Atividades Aquáticas	04 72	CM 09 Optativa
Ética e Cidadania	04 72	HS 02
História e Filosofia	EF 04 72	HS 04
TOTAL	24	432
2º Semestre		
DISCIPLINA	CR	HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Genética	04 72	BIO 04
Cito-Histo-Embrio	04 72	BIO 03
Psicologia Geral	04 72	HS 01
Sociologia	04 72	HS 03
Atividades Desp. Coletivas II	04 72	CM 02 Optativa
Atividades de Ginástica I	04 72	CM 07 Optativa
TOTAL	24	432
3º Semestre		
DISCIPLINA	CR	HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Fisiologia Humana	04 72	BIO 05 BIO 01/02
Desenvolvimento Motor	04 72	TFA 05
Métodos Qualitativos da Inv	04 72	CT 01
Didática	04 72	DP 01
Atividades Recreativas I	04 72	CM 10 Optativa

Atividades Desp. Individuais I 04 72 CM 03 Optativa
TOTAL 24 432
4º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Fisiologia do Exercício 04 72 TF 04 BIO 05
Métodos Quantitativos da Inv 04 72 CT 02
Aprendizagem Motora 04 72 TF 01 +F5
Met. Ensino da Ed. Física 04 72 DP 02
Atividades Rítm. e Exp.Corp. 04 72 CM 05 Optativa
Psico Desenv. Aprend 04 72 HS 05 HS 01
TOTAL 24 432
5º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Estrutura e Func. Ensino 04 72 AP 01 Aprofundamento
Psicopedag. do Movimento 04 72 AP 02 Aprofundamento
Atividades Desp. Individuais II 04 72 CM 04 Optativa
Atividades de Ginástica II 04 72 CM 08 Optativa
Estágio - Ensino Infantil 05 90 EST 01
TOTAL 21 378
6º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Bioestatística 04 72 CT 03 CT 01/02
Avaliação da EF Escolar 04 72 AP 04 Aprofundamento
Esporte Escolar 04 72 AP 05 Aprofundamento
Atividades Recreativas II 04 72 CM 11 Optativa

Estágio - Ens. Fund. 1ª Etapa 05 90 EST 02 EST 01
TOTAL 21 378
7º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Org. e Adm. Escolar 04 72 AP 03 Aprofundamento
Planejamento Curricular 04 72 AP 06 Aprofundamento
Ativ. Danças Folclóricas 04 72 CM 06 Optativa
Orientação de monografia 04 72 OR 01 CT 01/02
Estágio - Ens. Fund. 2ª Etapa 05 90 EST 03 EST 02
TOTAL 21 378
8º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Atividades FPNEE 04 72 TF 03 BIO 04
Org. e Adm. EF e Desporto 04 72 TF 02
Atividades de Lutas 04 72 CM 12 Optativa
Estágio - Ensino Médio 05 90 EST 04 EST 03
TOTAL 17 306
Resumo curricular
Disciplinas da formação básica 936hs/aula 52 créditos
Disciplinas da formação específica 1.080hs/aula 60 créditos
Disciplinas do aprofundamento 864hs/aula 48 créditos
TOTAL GERAL 2.880hs/aula 160 créditos

Aprofundamento em Atividades Físico-Desportivas

1º Semestre

DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Anatomia Humana 04 72 BIO 01
Bioquímica 04 72 BIO 02
Atividades Desp. Coletivas I 04 72 CM 01 Optativa
Atividades Aquáticas 04 72 CM 09 Optativa
Ética e Cidadania 04 72 HS 02
História e Filosofia EF 04 72 HS 04
TOTAL 24 432
2º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Genética 04 72 BIO 04
Cito-Histo-Embrio 04 72 BIO 03
Psicologia Geral 04 72 HS 01
Sociologia 04 72 HS 03
Atividades Desp. Coletivas II 04 72 CM 03 Optativa
Atividades de Ginástica I 04 72 CM 07 Optativa
TOTAL 24 432
3º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Fisiologia Humana 04 72 BIO 05 BIO 01/02
Desenvolvimento Motor 04 72 TF 05
Métodos Qualitativos da Inv 04 72 CT 02
Didática 04 72 DP 01
Atividades Recreativas I 04 72 CM 10 Optativa
Atividades Desp. Individuais I 04 72 CM 02 Optativa
TOTAL 24 432

4º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Fisiologia do Exercício 04 72 TF 04 BIO 05
Métodos Quantitativos da Inv 04 72 CT 02
Aprendizagem Motora 04 72 TF 01 TF 05
Met. Ensino da Ed. Física 04 72 DP 02
Atividades Rítm. e Exp.Corp. 04 72 CM 05 Optativa
Psico Desenv. Aprend 04 72 HS 05 HS 01
TOTAL 24 432
5º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Metodologia do Treinamento 04 72 AP 04 Aprofundamento
Cineantropometria 04 72 AP 01 Aprofundamento
Atividades Desp. Individuais II 04 72 CM 03 Optativa
Atividades de Ginástica II 04 72 CM 08 Optativa
Estágio I 05 90 EST 01
TOTAL 21 378
6º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Bioestatística 04 72 CT 03 CT 01/02
Psicologia do Esp. e At. Fís. 04 72 AP 03 Aprofundamento
Distúrbios e Lesões 04 72 AP 06 Aprofundamento
Atividades Recreativas II 04 72 CM 11 Optativa
Estágio II 05 90 EST 02 EST 01
TOTAL 21 378

7º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Biomecânica 04 72 AP 01 Aprofundamento
Planejamento, Org. 04 72 AP 05 Aprofundamento
Ativ. Danças Folclóricas 04 72 CM 06 Optativa
Orientação de monografia 04 72 OR 1 CT 01/02
Estágio III 05 90 EST 03 EST 02
TOTAL 21 378
8º Semestre
DISCIPLINA CR HORAS/AULA CÓDIGO PRÉ
Atividades FPNEE 04 72 TF 03 BIO 04
Org. e Adm. EF e Desporto 04 72 TF 02
Atividades de Lutas 04 72 CM 12 Optativa
Estágio IV 05 90 EST 04 EST 03
TOTAL 17 306
Resumo curricular
Disciplinas da formação básica 936hs/aula 52 créditos
Disciplinas da formação específica 1.080hs/aula 60 créditos
Disciplinas do aprofundamento 864hs/aula 48 créditos
TOTAL GERAL 2.880hs/aula 160 créditos

ANEXO 4
Grade Curricular – Universidade Federal do Paraná

Periodização Recomendada (resolução nº 50/88 – CEP)

1º Ano						
Código Disciplina	Carga Horária Semanal			Créditos	Pré-requisito	
	AT	AP	TOT			
BE 447 Voleibol A	01	01	02	03	---	
BE 448 Desenvolvimento Motor	01	01	02	03	Co- Req ET 417	
BE 453 Ginastica Escolar A	01	01	02	03	---	
BE 449 Natação A	01	01	02	03	---	
BE 450 Ritmo e Musica em EF	01	00	01	02	---	
BE 451 Basquetebol A	01	01	02	03	---	
EP 431 Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus	02	00	02	04	---	
ET 417 Psicologia da Educação	02	00	02	04	---	
BQ 403 Bioquímica Fundamental	02	00	02	04	---	
BC 401 Citologia e Histologia Geral	02	00	02	04	---	
BA 404 Anatomia Humana e do Movimento	02	02	04	06	---	
BE 454 História da EF	02	00	02	04	---	
BE 455 Teoria da EF	03	00	03	06	---	
BE 452 Futebol A	01	01	02	03	---	
Total					30	
2º Ano						
BE 461 Handebol A	01	01	02	03	---	
BE 457 Cinesiologia	02	00	02	04	BA 404	
BE 456 Aprendizagem Motora	02	01	03	05	BE 448+ET 417	
BE 459 Atletismo A	02	01	03	05	---	
BE 460 Ginástica escolar B	01	01	02	03	BE 453	
BE 474 Atividades Rítmicas	01	01	02	03	BE 450	
EM 406 Metodologia do Ensino da EF	02	00	02	04	---	
EM 401 Didática A	02	00	02	04	ET417/ ET401	
BE 462 Introdução à Filosofia da EF	02	00	02	04	---	
BE 458 Lazer e Recreação	02	01	03	05	---	

BF 405 Fisiologia Humana e do Esforço	02	02	04	06	BQ403/ BA404
BG 401 Genética e Evolução Aplicada à EF	02	00	02	04	BC 401
Total	29				
3º Ano					
MS 005 Higiene Escolar (Sem)	02	00	02	02	EP 431
EM 430 Métodos e Técnicas de Pesquisa Educacional	02	01	03	05	---
EM 409 Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de EF A	00	00	02	02	EM401+E M406
BE 465 Ginástica Rítmica desportiva A	01	01	02	03	---
BE 466 Lutas Aplicadas à EF	01	01	02	03	---
BE 463 Antropometria	01	01	02	03	---
BE 464 Ginástica de Aparelhos	01	01	02	03	---
BE 467 Diagnose da Realidade Contemporânea	02	01	03	05	---
Total	18				
4º Ano					
BE 484 Orientação de Atividades p/ Aptidão Física e Saúde	02	01	03	05	---
EM 410 Prática de Ensino e Estágio Supervisionado de EF B	00	00	02	02	---
BE 479 Seminário de Monografia	01	01	02	03	EM 430
BE 481 Atividades Físicas Complementares	01	01	02	03	---
BE 482 Socorros de Urgência e Prevenção de Acidentes	01	01	02	03	---
BE 483 Organização e Administração da EF	02	00	02	04	---
BE 480 Avaliação da EF Escolar	01	01	02	03	---
Total	15				

Obs: além das disciplinas acima, o aluno deverá cursar ainda um mínimo de 480 horas de disciplinas optativas, dentre as abaixo relacionadas, segundo orientação da coordenação do curso.

Disciplina Optativas

BE 492 Atividades Físicas em Academia	01	01	02	03	---
BE 485 Metodologia Especial da EF	01	01	02	03	---
BE 493 Aplicação Profissional na Área no Formal	01	01	02	03	BE 458

BE 470 Dança Aplicada à EF	01	01	02	03	BE474
BE 494 Handebol B	01	01	02	03	BE 461
BE 468 Voleibol B	01	01	02	03	BE 447
BE 471Natação B	01	01	02	03	BE 449
BE 469 Atletismo B	01	01	02	03	BE 459
BE 488 Judô	01	01	02	03	BE 466
BE 487 Karatê	01	01	02	03	BE 466
BE 490 Esgrima	01	01	02	03	BE 466
BE 491 Capoeira	01	01	02	03	BE 466
BE 478 Tênis de Campo	01	01	02	03	---
BE 477 Basquetebol B	01	01	02	03	BE 451
BE 496 Ginástica Artística Masculina	01	01	02	03	BE 464
BE 497 Ginástica Artística Feminina	01	01	02	03	BE 464
BE 472 Futebol de Salão	01	01	02	03	---
BE 495 Organização de Competições	01	01	02	03	---
BE 473 Futebol B	01	01	02	03	BE 452
CI 228 Laboratório de Informática I	00	04	04	02	---
HB 408 Orientação Bibliográfica A	02	00	02	04	---
EM 377 Métodos e Técnicas Educativas de Prevenção às Drogas	03	00	03	03	---
EM 414 Metodologia de Ensino na Pré- Escola	04	00	04	08	---
HP 442 Psicologia do Excepcional I	02	02	04	06	---
BE 486 Ginástica Rítmica Desportiva B	01	01	02	03	BE 465
BE 489 Seminário de Atividades Físicas em Condições Especiais de Saúde	02	00	02	04	---
BE 498 Atividades Aquáticas	01	01	02	03	BE 449

CH SEMANAL – Carga Horária Semanal

AT – Aula Teórica

AP – Aula Prática

TOT – Total

CR - Créditos